

A formação do pedagogo generalista e sua atuação na gestão escolar.

1) A partir do quadro atual, de formação do profissional da Pedagogia, discorra sobre perspectivas, possibilidades e dilemas postos p/ a atuação desse profissional.

Segundo Giorgio Agamben (2006), contemporâneo: "aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta o contemporâneo, obscuros". Sendo o educador um profissional que lida diretamente com as contingências da sua atualidade, cabe ressaltar algumas características impressas pelo cenário político econômico vigente, elencadas por Bueno, Sinésio (2010): mercantilização da educação, onde o sentido da qualidade total "emprestado" do campo empresarial recai sobre a escola; desvalorização e esvaziamento da escola pública, que pode ser observado quando do congelamento dos gastos públicos para os próximos vinte anos; retomada do pensamento positivista de um modo geral, onde o discurso neoliberal remete à ideia de progresso e modernidade; e também o reforçamento do pensamento crítico, em que transmite-se a ideia de que a crise é do indivíduo e não do sistema, complexo por natureza.

Dito isso, entendo que nós, educadores, estamos diante de um — entre tantos outros — dilema: a escola tem conseguido cumprir com a emancipação e formação de cidadãos críticos atualmente?

Tendo em vista o instrumento da gestão democrática previsto na Lei de Diretrizes e Bases n° 9394/96, preanunciada na Constituição Federal de 1988, acredito estar na escola, no exercício da participação e da colaboração, o verdadeiro cerne da emancipação cidadã.

Fruto de muitas lutas e demandas populares, com muita participação e pressão da sociedade civil, pela redemocratização do Brasil na década de 1980, temos na escola o chamado conselho de gestão pública. Na perspectiva da gestão democrática, o conselho tem papel de instrumento mediador na relação entre Estado e sociedade civil — inscrito na Constituição de 1988.

Cabe, portanto, ao profissional da Pedagogia — aquele que Libâneo questionou dever-se chamar, cientista da Educação devido sua híbrida formação neste campo — atuar na administração, no planejamento, na inspeção, na supervisão, na orientação e, na docência. No âmbito da gestão, o profissional é um dos integrantes da equipe gestora da escola.

Atuar na gestão escolar não é tão simples quanto possa parecer. Gestão não é sinônimo de gerencialismo. Gerir uma escola requer preparo, formação específica e continuada, boa relação dialógica, além de uma postura — do próprio gestor — democrática.

Veiga argumenta que, na gestão participativa, é preciso recuperar o caráter público, que deve ser imbuído de debates coletivos. Ao invés de padronizar, deve-se propor singularidades, no lugar da dependência, é preciso construir autonomia. (VEIGA, 2003 p. 279)

Instância máxima de planejamento norteador da escola, o Projeto Político Pedagógico deve ser construído com a participação de todos — docentes, discentes, comunidade local. Para Miguel Russo (2016), planejar é traçar ações antecipando o futuro, com a finalidade de se atingir um objetivo. Ou seja, pensar a construção do PPP é, inclusive, buscar responder onde se pretende chegar; pautado não somente no plano ideal, mas adequado à realidade.

de e às especificidades da escola e as contingências que a atravessam. Russo argumenta que o planejamento requer "tratamento democrático e participativo" (Russo, 2016 p. 196).

Veiga (2003) contribui para o debate quando afirma que o PPP — uma das principais marcas da gestão democrática — é caracterizado por uma ação que deve ser consciente e organizada, devendo "romper com o isolamento dos diferentes segmentos da instituição educativa e com a visão burocrática, atribuindo-lhes a capacidade de problematizar e compreender as questões postas pela prática pedagógica" (Veiga, 2003. p. 279)

Tem-se, afinal, a perspectiva da inovação emancipatória que implica na vivência democrática. Com isso, tanto os próprios pedagogos quanto sua ação pedagógica, tende a ceder lugar de convicções e permitir incertezas, buscando novos acertos e também erros. Pautados, sempre, na relação dialógica, no posicionamento democrático e na abertura para o pensamento crítico dialético — baseado na Pedagogia sócio-crítica de Libâneo.

O pedagogo, na sua função de gestor escolar, tem papel decisivo no exercício da democracia, devendo, para tanto, incitar a participação de todos bem como trabalhar o sentimento de pertencimento aquilo que, uma vez público, é de responsabilidade de todos nós.

② Desenvolva aspectos teóricos e conceituais acerca das relações docência e gestão na escola.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Pedagogia, o profissional pedagogo é habilitado para atuar na Educação Infantil, nas Séries Iniciais, na Educação de Jovens e Adultos, na gestão e no Magistério — pautado

do nos Parecer 5/2005 e Parecer 3/2006 que altera LDB nº 9.393/96. Extinguam-se as especialidades na área de formação pedagógica, e tem-se a formação de um profissional híbrido.

Segundo Freud (1925), que além de inaugurar a psicanálise foi um grande estudioso da antropologia e história das civilizações, a profissão de educar figura entre as três profissões por ele consideradas impossíveis. Para além da necessidade ~~(estrita)~~ de manutenção da organização social entre os homens, a educação vem para "ajustar" os encaminhamentos pulsionais do sujeito; a questão é que haverá sempre uma "parcela" que escapará desse ofício educativo. Educar, enfim, pode ser impossível mas nunca será inexequível, e sempre será necessário.

O processo civilizatório, do qual se vale a educação, é atravessado pelo mal-estar do sujeito; tanto aluno quanto educador terão de se fazer com esse conflito subjetivo proveniente da imposição do princípio do prazer combatido pelas regras sociais. Não fosse a escola o lugar social primeiro de aprendizagem e experimentações da vida em sociedade, com todas as suas dificuldades, como estariam vivendo as pessoas? Considerando que o "se" não existe no plano real, voltemos a verdade dos fatos.

Para além do mal-estar, o educador é um profissional que se depara, constantemente, com o não-saber. Superado o paradigma da certeza, da verdade plena e fechada na razão científica, entendo que a educação - ciência humana - abre-se a um novo paradigma: pautado no pensamento dialético. Libâneo argumenta que, por meio do conhecimento escolar, da abstração e análise do pensamento antes sincrético, confuso, o aluno passa a reconstruir o todo pela síntese; onde se efetiva o concreto real.

Atravessamos, no entanto, um entrave importante no que diz respeito às relações sociais na atualidade. Segundo Christian Dunker (2017) a crescente cultura do ódio e da individualidade presentes no contemporâneo resultam numa grande dificuldade de escuta. Isso estaria ligado à própria história e formação política da sociedade brasileira, devido à falta de educação para debate — onde o valor da escuta pode ser construído.

Dunker afirma que quando ouvimos alguém, tendemos a fazê-lo a partir de nós mesmos: nossos valores, nosso lugar de fala — o que resulta numa resposta a partir de quem escuta. De acordo com o autor, trata-se de uma escuta colonizadora, onde quem escuta acaba encarnando o saber. No entanto, a escuta não necessariamente pressinde uma resposta!

Uma saída a essa troca econômica da comunicação, onde se estabelecem relações de poder e submissão — que reflete, inclusive, na gestão escolar que preconize a participação de todos — é fazer um movimento contra narcísico. Ou seja: é buscar renunciar a Si próprio, às suas convicções, para ir de encontro ao outro. É, ainda, abrir-se para aquilo que não se sabe.

Acredito, afinal, tanto para o docente na sua relação com o aluno ou com seus pares quanto no desempenho de suas funções de gestor, o pedagogo deve buscar abdicar do binarismo da verdade, entendendo como equívoco acreditar que a razão esteja aqui ou ali. É possível que ela não esteja, ou esteja diluída: aqui e ali...

Para além da gestão escolar, o pedagogo é um educador, e portanto deve resistir às contingências: lutar contra a alienação subjetiva alimentada pelo narcisismo

19. Esta cultura do ódio às diferenças. O educador deve trabalhar o pensamento crítico, assumindo de próprio esse lugar.

(3) Escreva sobre possibilidades e desafios na formação continuada, na pesquisa e na extensão em um Col. de Apl. de uma universidade.

Aliada aos pensamentos de Antônio Nóvoa, entendo que a formação continuada deva acontecer na própria escola, de acordo com as especificidades daquela instituição.

Sabe-se que o colégio de aplicações é, por concepção, "lugar de experimentação e de difusão de práticas pedagógicas" (trecho do PPP do CAP UFRJ); visto que o CAP é a educação básica da UFRJ, entendo que poderia haver maior e mais significativo intertamente entre o colégio de aplicação e a universidade. Não somente para os alunos de licenciatura enquanto campo de estágio, mas também para cursos como Serviço Social - no auxílio a ~~seus~~ casos de risco social - , fisioterapia - para casos de alunos com necessidades especiais, por exemplo.

No tangente à formação continuada pautada no tripé: ensino, pesquisa e extensão, acredito ser desta forma ^{o que} ~~torna~~ possível a constante ação-reflexão da prática pedagógica.

Uma das possibilidades de pesquisa afinada com a reflexão da gestão escolar pode ser no tocante aos Conselhos de Classe. Instrumento importante de democracia, os conselhos de classe foram idealizados por Freinet, na década de 1930, na França; o autor acreditava que a democracia de amanhã deve ser preparada pela democracia vivida na escola.

No Brasil, a LDB 9394/96, no seu artigo 14

II prevê a participação ~~das~~ das comunidades escolar e local em conselhos escolares — o que de fato acontece pela participação nas plenárias pedagógicas. No que diz respeito aos conselhos de classe propriamente ditos, acredito que deva haver constante retomada de objetivos afinados ao Projeto Político Pedagógico. Entendo que seja um momento de avaliar os indicadores internos da prática pedagógica e realização de devidos replanejamentos. Deve-se, afinal, buscar romper com a dicotomia que culpabiliza o outro — em sua maioria das vezes o aluno — colocando no individual questões de ordem mais complexa. As principais funções dos conselhos de classe são: deliberar, consultar, fiscalizar e mobilizar. Talvez caiba avaliar demanda de reflexão acerca dos conselhos de classe no Colégio de Aplicação da UFRJ, por exemplo. Veja, neste âmbito de atuação, lugar fértil de pesquisa para nós, educadores/gestores.

Outra possibilidade de articular uma pesquisa ou mesmo um projeto de extensão, é trazendo à cena a representação de turmas. Algumas questões que podem ser levantadas são: seria possível iniciar o trabalho de representação de alunos já no primeiro ano do E.F.? De que maneira isso se daria? A representação de turmas tem proporcionado sentimento de pertencimento e efetiva participação dos alunos nas tomadas de decisões?

Partindo do pressuposto de que na escola se vivencia a democracia de amanhã, é de crucial importância o envolvimento do aluno na participação dos debates. Criar meios para que isso aconteça desde o momento que esse estudante chega no colégio, é um desafio que me parece promissor. Exercitar a escuta, fomentar o debate e o envolvimento nas tomadas de decisão são caminhos certos do

exercício da democracia. Para além do posicionamento ético, é mandatório trabalhar o posicionamento político na sua relação com o público.

De acordo com Guinspur (2011, p. 31), há que se construir o compromisso político na escola e com a escola.

Segundo Spricigo (2012), o educador deve "criar situações para a educação da responsabilidade, participação, iniciativa, capacidade de liderança e tomada de decisões vislumbra-se o desenvolvimento de processos de formação para a cidadania, incorporando novas práticas de gestão, objetivando levar os alunos à participação"